

## **Língua portuguesa como língua adicional para surdos e o seu aprender em articulação com a Libras como língua matriz**

Portuguese as an additional language for the deaf and their learning process in conjunction with Libras as the matrix language

Lengua Portuguésa como lengua adicional para sordos y su aprendijaje junto con Libras como lengua matriz

**Priscila Silveira Soler**

Mestra pela Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

E-mail: [priscila.soler@estudante.ufscar.br](mailto:priscila.soler@estudante.ufscar.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8276-9099>

**Vanessa Regina de Oliveira Martins**

Professora doutora da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

E-mail: [vanymartins@hotmail.com](mailto:vanymartins@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3170-293X>

*Recebido em 05 de março de 2021*

*Aprovado em 05 de novembro de 2022*

*Publicado em 15 de dezembro de 2022*

### **RESUMO**

Este trabalho aborda o processo relacional entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa (LP) na apropriação da escrita por pessoas surdas sinalizadoras. Supõem-se certa hibridização na aprendizagem da LP que resulta da experiência singular materializada no corpo surdo, a partir das suas interações com a Libras, adotada aqui como uma língua matriz. Embora pesquisas na área da surdez discutam a importância do ensino diferenciado da LP para surdos, a partir de propostas de ensino de segunda língua (L2), problemas metodológicos ainda são presentes nesta área. Pesquisas apontam, como estratégia de reparo, a aplicabilidade de materiais didáticos e novos métodos de ensino. No entanto, como as limitações no ensino de surdos ainda são evidentes, o intuito deste estudo foi o de discutir o processo do aprender a LP escrita com base na descrição conceitual de língua matriz e língua adicional, construídos a partir do conceito de matriz de experiência em Michel Foucault, portanto, nas filosofias da diferença. Para esse estudo, foi necessário promover o estado da arte de pesquisas, na temática sobre o aprender surdo da língua portuguesa escrita, com o auxílio do levantamento bibliográfico. A reflexão teórica e a bibliografia estudada, dos últimos dez anos, apresentam como resultados a contribuição de estudos sobre o ensino da língua portuguesa para surdos, mostrando o que se tem acerca das pesquisas neste campo e o que precisamos traçar como novidade para este cenário investigado. Em suma, o panorama delineado revela a necessidade de ampliação conceitual para esta área.

**Palavras-chave:** Educação Especial; Língua Brasileira de Sinais; Português como segunda língua para surdos.

## ABSTRACT

This research approach the relational process between the Brazilian Sign Language (Libras) and the Portuguese Language (PL), in the appropriation of writing by deaf signers. A certain hybridization in the learning of PL is supposed to result from the singular experience materialized in the deaf body, from its interactions with Libras, named here as a matrix language. Although research in the area of deafness discusses the importance of differentiated teaching of PL for the deaf, based on proposals for second language teaching (L2), methodological problems are still present in this area. Some researches points as a strategy to repair this the applicability of didactic materials and new teaching methods. However, as the limitations in teaching deaf people are still evident, the aim of this study was to discuss the process of learning written PL based on the conceptual description of the matrix language and additional language, built on the concept of the experience matrix in Michel Foucault, in the philosophies of difference. For this study, it was necessary to promote the state of the art of research, on the theme of learning deaf in the Portuguese written language, with the help of a bibliographic survey. The theoretical reflection and the bibliography studied show that the contribution of studies on the teaching of the Portuguese language for the deaf, showing what we have about research in this field and what we need to outline as novelty. In short, the outlined panorama reveals the need for conceptual expansion for this area.

**Keywords:** Special education; Brazilian Sign Language; Portuguese as a second language for the deaf.

## RESUMEN

Esta investigación aborda el proceso relacional entre Lengua Brasileña de Señas (Libras) y Lengua Portuguesa (LP), en la apropiación de la escrita por los sordos. Se supone una cierta hibridación en el aprendizaje de LP, que es el resultado de la experiencia singular materializada en el cuerpo sordo, de sus interacciones con Libras, denominado aquí como lengua matriz. Las investigaciones discuten la importancia de la enseñanza diferenciada de LP para sordos, a partir de propuestas para la enseñanza de una segunda lengua (L2), aún existen problemas metodológicos. Algunas investigaciones apuntan como estrategia para reparar esto la aplicabilidad de materiales didácticos y nuevos métodos de enseñanza. Sin embargo, como las limitaciones en la enseñanza de las personas sordas aún son evidentes, el objetivo de este estudio fue discutir el proceso de aprendizaje de la escritura de LP a partir de la descripción conceptual de lengua matriz y lengua adicional, construido sobre el concepto de matriz de experiencia en Michel Foucault, en las filosofías de la diferencia. Para este estudio, fue necesario promover el estado del arte de la investigación, sobre el tema del aprendizaje de los sordos en la lengua portuguesa escrita, con la ayuda de una encuesta bibliográfica. La reflexión teórica y la bibliografía estudiada evidencian la contribución de los estudios sobre la enseñanza de la lengua portuguesa para sordos, mostrando lo que tenemos de investigación en este campo y lo que necesitamos esbozar como novedad. En general, el panorama revela la necesidad de una expansión conceptual para este ámbito.

**Palabras clave:** Educación especial; Lengua Brasileña de Señas; Portugués como segunda lengua para sordos.

## Introdução

Este estudo propõe-se discutir o processo do aprender a língua portuguesa (LP) escrita, por surdos, com base na descrição conceitual de língua matriz e língua adicional, construídos a partir do conceito de matriz de experiência em Michel Foucault. Trata-se de um estudo teórico sobre o tema a partir do levantamento bibliográfico de pesquisas, objetivando conhecer quais os saberes produzidos sobre o ensino e a aprendizagem da LP por surdos e os desafios ainda presentes neste campo. Os estudos apontam para a apreensão da escrita por surdos alinhada ao ensino de uma segunda língua, com base nos estudos em línguas orais. Apontamos a importante contribuição no campo dos estudos surdos, das perspectivas de ensino apoiadas em metodologias diferenciadas, como as do ensino de segunda língua. No entanto, as fragilidades e complexidades deste processo apontam que a chave de leitura deste cenário e um possível avanço seria afirmar a expressividade surda e tomar a língua de sinais como língua matriz, entendendo seu funcionamento distinto do das línguas orais. Essa diferença de modalidade linguística deve ser afirmada para não apostarmos numa metodologia com base em estruturas e em processos dos realizados nas línguas orais. Além disso, há que se ver a LP como uma língua adicional para além de uma segunda língua, já que mais que referenciar o tempo de aprendizagem e a importância de uma ou outra língua, é preciso entender seu funcionamento, a melhor forma de complementar às práticas sociais e à sua língua matriz. Para esse estudo, os conceitos balizadores das filosofias da diferença, em Michel Foucault (1979, 2010) e Gilles Deleuze (2006), serão fundamentais.

## Contextualização do cenário estudado sobre a língua portuguesa e a pessoa surda

Um dos grandes desafios enfrentados pelos educadores que se dedicam ao ensino da LP para surdos é trabalhar, em um mesmo contexto de sala de aula, com alunos com experiências de vida e conhecimentos disciplinares totalmente diversos. Embora o foco central desta pesquisa tenha sido o de abordar a aprendizagem ou a apropriação da LP na modalidade escrita por alunos surdos, a pesquisa faz um movimento diferente do habitual. Busca-se olhar a LP inserida nas produções cotidianas das pessoas surdas, sendo ela parte de sua subjetividade, portanto, entendida como língua adicional. Esse novo conhecimento linguístico da LP que é acessado pelo surdo apenas pela visão, se produz na hibridização que ele faz com a língua de sinais, ou sua língua matriz.

Como premissa, afirmamos que o ensino da LP ganha novos contornos se houver o cuidado de uma *escuta sinalizada* sobre o que os corpos surdos alertam sobre suas diferenças na experimentação com a escrita de uma língua que é oral-auditiva, mas, que para si, é processada visualmente. Quando se pensa o ensino da LP, então, é um desafio para o docente lidar com todas essas questões que emergem ao trabalhar com falantes de outra língua e, ainda, desenvolver estratégias metodológicas para o ensino de LP que tem sido feito com foco em metodologias de segunda língua (L2). Todavia, esse modelo de ensino não é posto na formação inicial do profissional de Letras, por exemplo, nem na Pedagogia, no que concerne à alfabetização. Há o pressuposto de que o aluno que vai aprender a escrita da língua portuguesa a tenha como língua materna, ou seja, que foi exposto nesta língua por meio das interações cotidianas familiares, desde o seu nascimento (FERNANDES, 1999, 2006; PEREIRA, 2009).

Com essa crença de que há interações familiares favoráveis aos alunos surdos, o ensino e a aprendizagem da LP ao surdo na escola tem se dado, em muitas experiências, com a mesma base conceitual e metodológica que para as crianças ouvintes. Esse fato marca a falta de profundidade conceitual no âmbito das práticas educativas para surdos. Vê-se o distanciamento de uma posição efetiva de que a surdez produz uma relação subjetiva de diferença e que o surdo não deve ser narrado pela lógica da *deficiência* da linguagem, ou pelo discurso clínico. A pauta patológica da surdez, numa lógica normativa, com base na ortopedia e correção do corpo surdo, se faz com práticas de reabilitação da linguagem perdida e pela busca da oralidade da LP, por meio de técnicas educacionais que fazem da educação um espaço de clínica da linguagem (SOARES, 1999).

Por meio de lutas contra essas narrativas postas sobre o ser surdo, as comunidades surdas têm reivindicado o reconhecimento de sua diferença e colocado a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como pauta principal de defesa e de aceitação social para sua inserção nos diferentes espaços. Há a busca pela acessibilidade linguística tomando-a como respeito às suas questões linguístico-culturais. A seguir descrevemos as duas formas atuais de narrar à surdez. Apontamos de antemão a vinculação dessa pesquisa à perspectiva social ou antropológica da surdez, com pauta na pluralidade e na diferença surda:

Especificamente, identificou-se que uma forte ênfase em subjetividades deficientes pauta as formas de ser surdo na metade do século, enquanto que, não outra metade, a ênfase se desloca para a produção de subjetividades plurais, marcadas por uma forma culturalista de ser surdo. Mesmo que essas formas subjetivas sejam capturadas por mecanismos de poder e ressignificadas no registro de novas normalizações, fica a possibilidade de haver espaço para a criação de outros modos de existência (MORGENSTERN; WITCHES, 2015, p.1–grifos dos autores).

Os estudos antropológicos da surdez afirmam que, para a pessoa surda, a LP deve ser entendida como uma segunda língua, porque não é uma língua que se adquire de modo natural, nas relações familiares (FERNANDES, 2006). Essa posição marca a distinção do processo de apropriação entre surdos e ouvintes. Uma criança ouvinte adquire a LP falada nas interações familiares e sociais e, portanto, é adotada como língua materna (por ocorrer no seio familiar) e mais, como primeira língua<sup>1</sup>. Essas diferenças devem ser consideradas, tendo relevância fundamental para se pensar nas práticas educativas. Mais que isso, a apropriação de uma língua inscreve o sujeito em práticas sociais de uso da linguagem e é constituída em situações favoráveis para que seja uma experiência matricial. As diferenças experienciais de surdos e ouvintes reforçam a noção de singularidade e da necessária construção conceitual e filosófica desse *ser surdo*: nomeamos por perspectiva ontológica da surdez. A valorização desse aspecto ontológico<sup>2</sup> da pessoa surda e sua relação perpassada pela experiência com a língua de sinais nos indicam alguns dos entraves de acesso à língua oral: a não naturalidade em que essa língua é apreendida, por exemplo. Estes são fatores que ajudam a narrar a surdez em outra lógica e a pensar em práticas de ensino com base na diferença surda.

Diante da falta orgânica, a não audição, e pelo modo como as formações docentes gerais (pedagogia, letras) tem produzido o ensino da LP, a partir da pauta da oralidade desta língua, houve a construção de um movimento de produção discursiva, contrário à perspectiva naturalizada, afirmando a surdez fora da lógica da deficiência. Esses estudos ampliam o conceito do campo educacional entendendo a surdez como uma diferença linguística e social. Apontam a necessidade metodológica no ensino da escrita desta língua, diferentemente do modo proposto a sujeitos que ouvem, pois estes produzem relações entre a escrita e a pauta sonora, ou seja, relações entre fonema/grafema (FERNANDES, 1999). O acesso à escrita desta língua, para o surdo, é outro, sendo por meio gráfico-visual, já para o ouvinte é gráfico-visual-auditivo (FERNANDES, 1999). Sobre a dificuldade de construção de políticas bilíngues (ensino em Libras e em Língua Portuguesa escrita) com uma perspectiva surda de ensino, a autora apresentou que:

[...] embora se assuma teoricamente a opção pelo bilinguismo, percebe-se que não há ações efetivas para que a língua de sinais se torne, de fato, a principal língua do currículo, e a única discussão que realmente prevalece é aquela que potencializa o ensino/aprendizagem do português. Desse modo, percebe-se que embora o oralismo seja veementemente negado e banido dos discursos e dos projetos político-pedagógicos, suas concepções e práticas continuam a ser reproduzidas, tornando-o tão vivo quanto no passado (FERNANDES, 2006, p. 4)

No que se refere à aquisição de uma língua, no caso a primeira língua (L1), alguns apontamentos são importantes para o entendimento, da naturalidade e da interação social no processo espontâneo de aquisição, ação que difere da aprendizagem – como algo mais sistematizado em situações escolarizadas de ensino. A aquisição da (L1), para Crystal (1997) ocorre de maneira espontânea e não sistematizada durante a infância, pois é a partir dela que o indivíduo inicialmente interage com seus pares linguísticos e com o mundo ao seu redor.

Para alguns autores, como Romaine (1995) e Crystal (1997), a (L1) também é denominada como língua materna (LM), pois está relacionada à apropriação na relação maternal, no cuidado e interação familiar – em um contexto favorável e com a acolhida necessária para isso. Ou seja, essa língua é apresentada pelos sujeitos que socialmente são vistos como os responsáveis por compartilhar uma língua (de uso comum) aos seus filhos, isso na fase inicial da infância, até os cinco anos, na aquisição de uma língua em tempo típico (CONCEIÇÃO; MARTINS, 2019). Entretanto, no que se refere à aplicabilidade do conceito de L1 ou LM para as pessoas surdas, considera-se relativo, pois há um percentual relevante de pessoas surdas que nascem em famílias ouvintes, as quais não têm, como L1, a Libras, por vezes a primeira língua ou língua materna da maioria das pessoas surdas acaba sendo a LP (ou seja, a visualidade a partir do movimento da boca, uma vez que, para o surdo, a LP é acessada visualmente e de modo muito truncado) em mescla com uso de gestos caseiros (GESSER, 2006).

Essa desvantagem dos filhos surdos de pais ouvintes, pode ser percebida nas primeiras interações comunicativas que, muitas vezes, apresentam características críticas, originadas pelo tipo de informações recebidas pelos pais durante o diagnóstico da surdez do filho, e que modificam o curso natural das expectativas de comunicação. Possivelmente, por sugestão de determinados profissionais e por falsas representações sociais da surdez, muitos pais ouvintes tendem a condicionar o contato comunicativo com o filho surdo à aparição de respostas auditivas e orais, não atendendo aos indícios comunicativos visuais (RODRIGUERO; YAEGASHI, 2013, p. 57).

Nesse sentido, a interação realizada pelos pais (quando ouvintes) acaba sendo feita pela LP, mesmo com as limitações orgânicas da criança surda, o que inviabiliza a aquisição desta língua de forma espontânea/natural. Lodi (2004) aponta que a Libras deve ser a língua comum familiar (tal qual os pais surdos com filhos surdos fazem), usada nas interações familiares, pois é a partir dela que se estabelece um contato inicial do indivíduo com o espaço social e com as pessoas que o rodeiam. A Libras não traz nenhum

impedimento orgânico ao surdo, sendo uma apropriação mais *natura<sup>β</sup>*, já que é uma língua de modalidade gestuovisual.

No que tange a este contato inicial da LP, vale ressaltar que esse processo ao surdo não ocorre por meio interacional oral-auditivo, não há uma escuta verbal da LP para que o sujeito construa um conhecimento particular que o faça produzir uma reflexão sobre essa língua. Assim posto, afirmamos que a surdez por produzir um modo interacional específico está intimamente relacionada com a produção de subjetividades, ou seja, por produzir sujeitos que se narram na e pela língua de sinais e pela gestualidade. Isso porque se trata de uma questão, como afirmada anteriormente, ontológica, ou seja, da produção de um *ser surdo*, efeito desse ato relacional com a língua, seja a de sinais, ou até a visualidade labial em interação *face a face* que o sujeito surdo faz sobre e com a LP pela necessária interação em famílias que não usam a Libras.

Mas, para muitos surdos, essa relação com a LP é estabelecida apenas através da escrita. Quando feito o uso do português por meio de interações de fala (interações reais mediadas pela produção vocal), para o surdo a recepção da LP ainda se dará pela visualidade. Entende-se ainda que a LP não será adquirida espontaneamente pelas pessoas surdas, em razão de sua questão biológica, ou seja, o impedimento auditivo de acesso a essa língua de modalidade oral-auditiva.

Nesse sentido, a experiência de contato da LP do surdo é muito diferente da feita por ouvintes, e essa singularidade deve ser pautada na educação. O surdo não se relaciona com a LP do mesmo modo que conhecemos ou que apontam as pesquisas para a população ouvinte. Já que, para o surdo, o acesso à LP não é feito com adesão à experiência sonora desta língua. Ainda que desenvolva oralidade, ou faça leitura labial, sua percepção dessa língua é absorvida pela visão: é a visão de movimento labial que o surdo relaciona com *fonemas grafados*, não passando pela conexão sonora deste mesmo elemento fonológico. O ensino embasado em tal prática (na oralidade da LP) produz alunos reprodutores de textos, sem autonomia na escrita e que dificilmente se relacionarão com o texto de forma global, se não for pautado na aquisição significativa e/ou em práticas sociais que versem pela língua escrita enquanto uma vivência produtora de sentidos e que relacionem a uma língua que tenha um caráter de uso matricial e com significados afetivos (MARTINS; NASCIMENTO, 2017).

Assim, a língua portuguesa, em um dado momento e para alguns surdos, pode até ter sido sua L1, porque foi a primeira língua em que ele foi apresentado (ainda que na forma

de leitura labial e não pela pauta sonora), mas isso não quer dizer que é a língua que lhe coloca no mundo ou que lhe serve como língua matriz<sup>4</sup>. Pode ser que, em algum momento da vida, a sua interação linguística fundante seja substituída pela gestualidade e visualidade oro-facial da LP para a língua de sinais, tornando-se a sua *língua do coração* ou aquela que lhe traz maior *conforto subjetivo*. A isso chamaremos de *língua matriz*, aquela que coloca o sujeito em funcionamento. É nesse momento que o sujeito surdo se encontra com essa língua constituindo-se a partir dela, fazendo-o assumir um lugar de fala em que haja a sua aparição. Ela produz sentido na vida do sujeito surdo. Luz (2011) apresenta três dimensões fundamentais para o sujeito posicionar-se no mundo e cria esse conceito da aparição surda, perpassando pelo que ele denomina de campos da aparição: ética, subjetiva e situacional. Sobre isso o autor aponta que:

para alguém único alcançar sua realização como tal é preciso que ocorra sua aparição. Todos anseiam por ela, trata-se de uma questão ontológica. Aparição é no seu grau máximo, assumir-se entre *Outro* como um alguém que é singularização de toda a humanidade (LUZ, 2011, p.41).

O autor reforça que a língua de sinais é fundamental para que o surdo apareça no mundo e que se perceba sujeito. A língua produz sujeitos, realidades e é a base para as interações com o outro e com o mundo.

No que concerne à definição de (L2), segundo Ellis (1997), o termo é generalizado, pois se refere ao processo de apropriação de qualquer língua que tenha sido adquirida após a sua (L1). Crystal (1997) também apresenta uma definição para (L2), a qual, segundo o autor, é uma língua não nativa, entretanto, que é usada para determinados fins comunicativos em um território/país específico, além de se ter como característica, ser adquirida de maneira sistematizada. Assim, o termo (L2) é cunhado para se aludir a quaisquer línguas não maternas cujo processo de aquisição tenha ocorrido após o indivíduo ter se apropriado da (L1), em situação sistematizada e com práticas de ensino para isso.

Ainda que teorias abordem o ensino do português para surdos como L2 (porque é uma língua que não foi a que lhe subjetivou primeiramente), tal qual apresentado anteriormente, este trabalho vem ampliar essa perspectiva de aprendizagem da LP, não como segunda língua, mas como uma língua adicional, porque a experiência de uso dessa língua em práticas cotidianas não é uma escolha, mas condição obrigatória para que este sujeito seja inserido na sociedade. Ainda que tenha a Libras como língua matriz, terá que, em situações sociais gerais, encontrar-se com a escrita da LP e essa invasão necessária,



da escrita, será adicionada em sua subjetividade, alterando ou articulando-a ao funcionamento da Libras e vice e versa.

Portanto, é parte deste estudo teórico apresentar considerações sobre o que pode ser uma língua adicional, construir esse conceito por meio dos estudos filosóficos da diferença. Ou seja, trazemos como pressuposto filosófico-conceitual os estudos ontológicos para afirmar que essa língua (LP para os surdos), independente se (L1), de contato familiar ou se segunda, ela adiciona novas experiências corpóreas ao surdo e por meio dela ocorrem novas singularizações, atualizando o seu *ser* nesse novo encontro sígnico<sup>5</sup>.

A proposta adicional se dá com base em sua língua matriz, a Libras, independentemente de que momento essa língua também lhe foi apresentada. Ela (a Libras) vem de modo espontâneo (natural, no sentido de ser aprendida sem grandes esforços e sistematizações) ao surdo e lhe constitui uma inscrição matricial, a qual lhe dá sentido, podendo-o fazer *aparecer* ao mundo. Para isso ocorrer, há que se explicar o conceito de adicional e matriz, não levando apenas a ordem cronológica de aprendizagens, mas como produção de diferenças nos corpos surdos, sendo via dupla: o sujeito surdo modifica o português ao adicioná-la a si e ele é modificado pela LP, nesta experiência de encontros, portanto, essa hibridização é da ordem do singular e entre as línguas, Libras e LP. Talvez esse seja o impasse do encontro *da metodologia* de ensino da LP, ou seja, a singularização desta experiência pode ser uma via mais assertiva para o ensino de surdos.

Com o exposto, justifica-se o estudo pela necessidade, ainda presente, de se ampliar a discussão sobre a apropriação da escrita por surdos, mas por meio de novos caminhos para o ensino da LP escrita, adotando a perspectiva ontológica como base de construção de um percurso singular. Não queremos com isso apontar as melhores metodologias de ensino de surdos, mas sim apresentar a base conceitual sobre uma nova lente a se narrar o *ser surdo*, além disso, apontando a composição corpórea do surdo com a LP adicionando-lhe novas relações à sua língua matriz, a Libras. Leffa e Irlara (2014) explanam o conceito de *língua adicional*<sup>6</sup> como parte da LM e/ou L1, sendo construída a partir da língua ou das línguas que o aluno já conhece, o que denominaremos aqui como língua matriz.

O fato de a língua adicional pressupor no mínimo a existência de outra língua, falada pelo aluno – sobre a qual constrói numa relação que envolve aspectos sistêmicos, de prática social e de constituição de sujeito – gera implicações teóricas e práticas. Nesse caso, nenhum desses aspectos desenvolve-se a partir da própria língua, como pode acontecer, por exemplo, com a aquisição da língua materna. A língua adicional é construída a partir da língua ou das línguas que o aluno já conhece (LEFFA, V.; IRLARA, V, 2014, p. 33).

Por isso, interessa-nos debater sobre os saberes produzidos do ensino de LP, para então, posteriormente, poder focar na aprendizagem e no que os surdos têm a nos dizer sobre seu encontro com essa língua, proposta que será elaborada em novo estudo. Tal problematização é atual, tendo em vista ainda o pouco êxito na aprendizagem de língua portuguesa escrita pelos surdos, como apontam as pesquisas de Lodi (2004), Fernandes (2006), Martins; Lacerda (2014), Cabello (2015), e para citar apenas algumas das recentes pesquisas na temática, Martins; Nascimento (2017), Nogueira (2018) e Almeida; Lacerda (2019).

Segundo Martins e Lacerda (2014) é imprescindível se pensar “[...] uma nova forma metodológica de abordar o aprendizado do português por quem não ouve, ou por aqueles para quem essa língua não é a sua primeira língua”, de modo que a educação possa caminhar em propostas que considerem as diferenças e não mantenha o *status* de exclusão às pessoas surdas.

Do mesmo modo, Cabello (2015) evidencia que as práticas escolarizadas aparentemente amalgamadas com um saber clínico da surdez, evidenciam que não são simples as modificações que se fazem necessárias diante desse novo cenário, visto que as mesmas parecem constituir um fazer escolar que aparenta ser regido pelo que Lins (2014), com base em Dussel (2012), denominou de gramática escolar, ou seja, de práticas de trabalho com a linguagem que são consideradas tradicionais, que marcam novos saberes como uma espécie de macroestrutura para o funcionamento das ações pedagógicas.

Nesse sentido, também concordamos com as autoras quando apontam ser necessário pensarmos em formas metodológicas e para, além disso, estabelecer novas práticas de linguagem e construção de significados no que concerne sobre esse cenário do aprender o português escrito para pessoas surdas, para que não ocorra de maneira sistêmica, sem sentido, mantendo a norma ouvinte ou o modelo ouvinte como referência para se pensar as práticas educativas. Se não mudarmos a lente ontológica da experiência surda e sua experiência com a LP, manteremos a perspectiva normativa de ensino e talvez esse seja o ponto chave da pergunta que se estende há tempos: por que, após anos de propostas metodológicas para surdos no ensino de LP, ainda se mantém o insucesso de suas práticas? Uma suposta resposta pode ser porque as estratégias educativas se mantêm ainda no ensino de uma língua oral auditiva, só que a estrangeira ou a L2. O erro pode ser o de reforçarmos as bases desse ensino com referências às línguas de modalidade oral auditiva, mesmo que diferente da LP (inglês, espanhol, entre outras), são línguas que demandam uma interação sonora para a apreensão de seus processos gráficos.

## Matriz de experiência, subjetividade surda e o aprender para a aquisição da Língua Portuguesa

Alguns conceitos se tornam fundamentais, diríamos que base sólida para aprofundar a problematização proposta do aprender *deleuziano* da LP para surdos e para adensar o estudo aqui proposto. Para o momento, conceitos como: singularidade, subjetividade, diferença e linguagem, aprender e matriz, são fundamentais.

Para o desenvolvimento do estudo houve a necessidade de se traçar um plano de ação ou deleuzianamente falando, um plano de imanência que possibilitou apresentar conceitos fundamentais para sustentar a reflexão filosófica e o estudo sobre o aprender a LP por surdos numa abordagem ontológica. Esse percurso se deu a partir da lógica filosófica, com recursos conceituais das filosofias da diferença foucaultiana e deleuze-guattariana. Apresenta-se uma noção inicial do conceito de *matriz de experiência* que será aprofundado em estudos posteriores. Michel Foucault menciona o conceito em 1983 na obra *O Governo de Si e dos Outros* quando afirmou que o sujeito (*ethos*) é resultado da produção de três eixos fundantes: o do saber, o do poder e o da subjetividade (FOUCAULT, 2010). Sua teoria aponta que há uma experimentação, efeito das relações matriciais ou focos de experiências e que dele o sujeito se produz. Essa inscrição subjetiva, para o autor, emerge da mescla entre estes três eixos: “o eixo da formação dos saberes, o eixo da normatividade dos comportamentos, e, enfim, o eixo da constituição dos modos de ser sujeito” (FOUCAULT, 2010, p. 4). Sobre os focos de experiência ou matriz de experiência (usados pelo autor como sinônimos) trazemos a seguinte citação:

E por "pensamento" queria dizer uma análise do que se poderia chamar de focos de experiência, nos quais se articulam uns sobre os outros: primeiro, as formas de um saber possível; segundo as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos; e enfim os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis. Esses três elementos - formas de um saber possível, matrizes normativas de comportamento, modos de existência virtuais para sujeitos possíveis -, são essas três coisas, ou antes, é a articulação dessas três coisas que podemos chamar, creio, de "foco de experiência" (FOUCAULT, 2010, pp. 4-5 – aspas do autor).

Pagni e Martins (2019) fazem a leitura da surdez e da pessoa surda a partir dos estudos foucaultianos e descrevem o processo ontológico de olhar a pessoa surda. Mencionam a surdez como campo de saber. Apresentam a experiência da não audição, ou seja, a condição orgânica/biológica (ou o acidente corporal) como um signo que produz um saber experiencial surdo a partir desse lugar social. Trazem a diferença orgânica e a linguística como elementos articuladores da ontologia e singularidade do *ethos* surdo.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X64603>

A surdez como acidente é de ordem ontológica e não somente imanente a sua existência, como algo que inesperadamente a atravessa e o torna irreconhecível, como também transcendente, como uma ideia que impera negativamente sobre si e a sua vida, independente das formas que assuma, nesses casos. Tal acidente obriga os sujeitos surdos a se potencializar e se recriar, dobrando-se a um imperativo moral de que jamais seria como o de qualquer outro nesse mundo, exceto se adentrar aos jogos de poder e de subjugação na relação com outrem, mas também demandando linhas de fugas para que, eticamente, escape a essas formas de tecnologias de biopoder. Nesse caso, além das próteses e do domínio de uma língua de sinais como meio de interação e acesso à língua oral, os implantes cocleares seriam tecnologias imprescindíveis para dar conta desse imperativo e para ingressar a um mundo falante, ainda que parcialmente, facultando a participação na biopolítica atual (p. 12 – itálico dos autores).

Com base nos pressupostos das filosofias da diferença, opta-se neste estudo por analisar as práticas de aprendizagem de LP realizadas por surdos à luz do conceito de matriz de experiência. Isso requer um olhar não apenas para as atividades desenvolvidas como processo metodológico único, mas pausadamente atentar-se para as relações que se estabelecem entre os sujeitos e no próprio sujeito. O aprender leva em consideração os processos históricos sendo estes cruciais, pois são eles que determinam tais relações e a inscrição/emergência da subjetividade, considerando a formação do sujeito pela própria experiência, em uma ação com o outro e sobre si mesmo.

Ao utilizar o conceito de matriz de experiência de Michel Foucault olhamos a língua enquanto espaço de experimentação do sujeito e que ela lhe produz, ou o insere em novos conhecimentos de mundo e sobre si mesmo que são historicamente construídos e estão sempre em relações de poder. Para além disso é necessário trazer a LP como um saber adicional e uma língua adicional. Portanto, o conhecimento dessa língua, na modalidade escrita, adiciona novas relações subjetivas e traz novos conhecimentos para o sujeito, sempre hibridizados com a sua língua matriz, a língua de sinais.

Embora Foucault (2010) não tenha pautado suas discussões na área da Educação, mas sim na constituição subjetivo-filosófica, em discussões em torno do sujeito, das subjetividades e da verdade, entre outros temas, por meio de seus estudos é possível trazer articulação para o contexto educacional, já que sua escrita está voltada para a questão das práticas constitutivas da experiência e podem estar amplamente interligadas às práticas na educação. Assim, buscamos o que pode ser descrito como inspiração de abordagem ao tema, discutindo através da lente Foucaultiana questões presentes na atualidade que nos apresentam infinitas possibilidades de trabalho e problematizações no campo da Educação.

Além dos estudos foucaultianos sobre a força das produções sociais na constituição do sujeito (surdo e ouvinte), busca-se respaldo teórico em autores como Deleuze (2010) e

Guattari; Rolnik (2011), sobretudo na noção de singularidade e os efeitos do aprender a partir do encontro de corpos, em como esses corpos se relacionam nos encontros com os signos, e a partir disso produzem experiências, fazendo com que esse sujeito descreva seu encontro com esse signo, transformando a aprendizagem em um acontecimento e um encontro para o aprender.

A hipótese conceitual no que se refere a aprendizagem é que o aprender<sup>7</sup> surdo só ocorre no encontro com os signos emitidos em aula e que, embora o ensino tenha uma objetividade, o aprender é efeito do resultado singular de um encontro, abrindo inúmeros horizontes e possibilidades. Por isso, pensar em metodologias para pessoas surdas deve ser a partir da escuta do trajeto singular do sujeito e é sempre algo a construir no processo. Segundo Deleuze (2010), nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender, pensando nisso, as bases do ensinar e do aprender serão trazidas nesta pesquisa numa dimensão filosófica. Para o autor a proliferação de signos e o encontro com eles é o que mobiliza o aprender: encontro com alunos, encontro com produções linguísticas, encontro com produções corporais, todos estes espaços abertos que podem produzir sentidos não definidos previamente.

Trata-se, como afirma Deleuze, sempre de um encontro: encontramos-nos com signos que nos desconcertam, que nos arrebatam e nos colocam no trabalho da interpretação; por essa razão mesma, tampouco se poderia controlar esse desenvolvimento por um método. Ao contrário, como se verá, a experiência violenta dos signos não requer método, mas sim um aprendizado, que levará, enfim, ao reconhecimento, a partir da interpretação artística final, do funcionamento de uma nova imagem do pensamento (MACHADO, 2009, p.194; grifos do autor).

Assim, para o desenvolvimento deste, objetivou-se discutir o processo do aprender a LP escrita com base na descrição conceitual de língua matriz e língua adicional, construídos a partir do conceito de matriz de experiência em Michel Foucault. Traremos agora o levantamento bibliográfico das pesquisas realizadas para este artigo. Entendemos que este processo (estado da arte dos estudos) é fundamental para o avanço nesta área. Tomamos por base as seguintes inquietações, produtivas para o levantamento e a busca bibliométrica realizada: 1) Quais as principais temáticas foram pesquisadas em torno da aprendizagem da Língua Portuguesa para surdos? 2) Há pesquisas na área com base em estudos da filosofia, especificamente nas filosofias da diferença e que de fato acoplam o aprender surdo? 3) Existem pesquisas semelhantes?

O levantamento realizado além da produção deste estudo será utilizado como adensamento desse tema em um mestrado em desenvolvimento. O estudo levantou dados

produzidos sobre o ensino de português para surdos no período de 2010 a 2020, apontando os dilemas da área e os avanços até o momento. Apresentamos os trabalhos por meio de agrupamentos de acordo com as principais temáticas tratadas nas pesquisas.

## **Percurso metodológico**

A pesquisa apresentada tratou-se de uma revisão de literatura de cunho qualitativo com análise teórica dos dados a partir dos estudos das filosofias da diferença. O processo de investigação ocorreu entre o período de outubro e novembro do ano de dois mil e vinte (2020). A pesquisa foi conduzida em ambientes virtuais das bases de dados de acesso público, a saber: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Portal Periódicos CAPES e Scientific Electronic Library online. Para a busca, foram adotados, de maneira combinada permutativa, os seguintes descritores, estritamente em língua portuguesa: *Educação Especial*, *Educação de Surdos*, *Português escrito para Surdos*, *Português como segunda língua*, *Língua Adicional*. Não houve a utilização de operadores booleanos.

O período selecionado para a busca foi entre os anos de dois mil e dez (2010) até dois mil e vinte (2020), o recorte temporal se justifica devido ao grande desenvolvimento de normativas para a educação de surdos e um período de adequação da educação bilíngue, após a implementação do decreto Nº 5.626 do ano de 2005. A escolha, portanto, se deu devido ao movimento maior, nesses dez anos, de ações em prol da inclusão de surdos e o surgimento de estudos sobre o desenvolvimento de práticas bilíngues educacionais (Libras/Língua Portuguesa). Esse recorte permitiu selecionar um momento profícuo de aplicação de trabalhos na perspectiva inclusiva com práticas de ensino contrastiva entre o português e a língua de sinais.

## **Resultados e discussões**

Durante a busca, foram encontrados sessenta e oito (68) trabalhos, entre dissertações e teses, e do total encontrado foram categorizados quarenta e nove (49) deles.

Os critérios de inclusão para a categorização foram de pesquisas de dissertação de mestrado e teses de doutorado em Língua Portuguesa publicadas no período de 2010 até 2020 e que abordassem temáticas direcionadas à área da surdez, em específico sobre a Língua Portuguesa escrita para surdos.

Desses quarenta e nove (49) trabalhos, foram realizadas as leituras de seus resumos, introdução e considerações finais, para que identificássemos as temáticas em que abordavam dentro do tema geral da LP escrita para surdos. Dessa leitura, foi possível categorizar os dados em quatro eixos, a saber:

Quadro 1 – Eixos de categorização dos trabalhos encontrados

<b>EIXO 1</b>	Consideram elementos metodológicos gramaticais da Língua Portuguesa e tratam em sua maioria a Língua Portuguesa escrita do surdo como uma interlíngua, em geral, por não corresponder a norma padrão da Língua Portuguesa.
<b>EIXO 2</b>	Apontam que a metodologia usada deve ser de L2, e que há necessidade de uso do contraste entre Libras e Língua Portuguesa.
<b>EIXO 3</b>	Parte de uma perspectiva funcional da Língua Portuguesa escrita por surdos, como uma segunda língua, em geral os trabalhos apresentam a relação entre as duas línguas e não foca em questões metodológicas.
<b>EIXO 4</b>	Parte de perspectivas que colaborem para a formação docente no letramento de pessoas surdas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Os trabalhos do primeiro eixo tratam especificamente de questões mais gramaticais sobre a escrita da LP por pessoas surdas, apontando que, para a pessoa surda, a LP é uma interlíngua, ou seja, um precursor da segunda língua (L2), já que nas produções escritas estão presentes características da primeira língua da pessoa surda e da língua alvo; contendo marcações estruturais da Libras, característica comum de aprendizes de uma nova língua. Os problemas levantados nesses estudos se concentram em não considerar o modo de escrever da pessoa surda como uma língua de fato (não considera como LP), mas entende o modo de escrever surdo, como um espaço de transição até atingir a LP na sua variação normativa.

No segundo eixo, os trabalhos apontam que as metodologias para ensino e aprendizagem da LP escrita devem ser de L2, entretanto, em sua maioria, partem de metodologias de segunda língua nos estudos em línguas de modalidade oral/auditiva, desconsiderando a experiência orgânica ou o *ethos* surdo e a falta de audição das pessoas surdas (PAGNI; MARTINS, 2019). São poucos os estudos que apresentam propostas de metodologias de L2 não advindo de línguas orais.

No terceiro eixo os trabalhos apresentam que a LP escrita para a pessoa surda deve ser ensinada dentro de contextos vivenciados e experienciados pelos aprendizes, partindo de um ensino produtivo que relacione as motivações dos aprendizes com o que se é aprendido, os trabalhos apresentam que devem ser utilizadas estratégias contrativas (Libras/LP) em métodos de L2, mas poucos abordam as tensões das questões desta L2, especificamente para a pessoa surda, a maioria aborda concepções mais gerais de segunda língua.

Já no quarto eixo, os trabalhos apresentam sobre a formação docente relacionada ao aprendizado do aluno surdo, partindo da ideia de que a evolução dentro da escrita da LP depende de como o professor ministra suas aulas e de como os conteúdos são abordados com aquele alunado, todavia não se apresentam modos de como o docente deve ensinar a esse aluno. O foco dos estudos está na defesa da proposta docente de ensino e como as estratégias podem ou não produzir um ensino da LP, para surdo, mais significativo.

Do total dos trabalhos encontrados e agrupados, observou-se que havia trabalhos que se encontravam em um único eixo temático, e alguns trabalhos encontravam-se em mais de um. Os quais apresentaram os seguintes resultados de acordo com a correspondência aos eixos.

Figura 1 – Gráfico representando os trabalhos encontrados



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).



Sobre isso, entendemos que a maior parte dos trabalhos ficam em torno dos eixos 1 e 2, mas é significativa as mesclas entre eles. Embora as pesquisas tragam como resultados a consideração do uso de um método diferenciado aos alunos surdos aprendizes de LP, a questão metodológico-gramatical é o elemento fundante dos estudos, como vemos, por exemplo, nos trabalhos de Almeida (2016), Ferreira (2016), Mesquita (2019), Paiva (2014), Oliveira (2018), Souza (2018) e Viana (2017).

Perpassando pelos trabalhos encontrados no levantamento, é notória a carência científica de pesquisas que tratem sobre o aprender surdo e o modo de aprender surdo da língua portuguesa como uma língua adicional e não como uma segunda ou interlíngua, mas uma língua que adiciona conhecimentos ao sujeito e que parte do processo de uma mescla com sua língua matriz, sendo resultante em suas matrizes de experiência; matrizes essas que são estabelecidas pelo modo de ser do aprendiz, pensando o aprender como uma prática vivida por essas pessoas e como uma gama de práticas que são possibilitadas por experiências constituídas em sua atmosfera e no íntimo de suas subjetividades. Ou seja, buscando sentido entre a sua utilização e a realidade em que se encontra.

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos (DELEUZE, 2006, p. 4).

A língua portuguesa escrita por surdos, considerada como uma língua adicional, é singular e produz outra interatividade na escrita, partindo de uma convivência pacífica com sua língua matriz, já que língua matriz e língua adicional partem de objetivos distintos, mas coexistem, ora de maneira harmônica, ora em tensões. Isso ocorre pelo hibridismo necessário delas e das práticas de escrita que o sujeito surdo, inevitavelmente, é submetido. Elas se complementam e funcionam em contextos distintos de funcionamento da vida do sujeito surdo.

Construir a ideia da especificidade da LP escrita por pessoas surdas, como uma língua adicional, nos assegura possibilidades de refletir sobre a língua como algo que vem para agregar conhecimentos àquilo que já pertence ao sujeito, adicionando-a ao meio, às relações cotidianas e às identidades que transpassam o ser durante diversos períodos de sua existência.

Assim, considerando que a maioria das pesquisas aponta sobre métodos de ensino com base em propostas de ensino de língua estrangeira, ou L2, construímos a ideia de que o insucesso na aprendizagem do surdo esteja neste lugar: a produção de ensino se dar na lógica das línguas orais, mesmo que com base em metodologias de L2.

Como as limitações no ensino de surdos ainda são evidentes, o foco deste estudo se deu não nos materiais didáticos, nem em metodologias únicas de uma segunda língua, mas nas especificidades do sujeito surdo enquanto ser produtor de diferenças, numa lógica ontológica de um *ethos* surdo (PAGNI; MARTINS, 2019).

## Considerações finais

Com base nas contribuições teóricas apresentadas e com os resultados dos trabalhos agrupados por eixos, consideramos que se faz necessário pensar para além dos aspectos metodológicos e gramaticais que correspondem ao ensino e aprendizagem da LP escrita por surdos, já que a maioria dos trabalhos encontrados segue essa linha temática.

Partindo disso, pressupõe-se a carência do olhar para a LP, escrita por surdos, pelas concepções teórico-filosóficas com base numa perspectiva de vida, portanto, ontológica. Também necessitamos de uma nova visão sobre os aprendizes, sobre como os (seus) encontros produzem uma *experiências surdas com a LP*, de modo que seja considerada a realidade dos sujeitos e as interações no desenvolvimento de aprendizagem, concebendo o aprender na singularidade e efeito do ato de criação do sujeito em seus percursos.

O processo de ensino, portanto, ao que parece, deve valorizar o encontro produzido pelos corpos surdos que culminam na constituição da subjetividade por meio das experiências e da questão ontológica, criando um paradoxo conceitual entre língua matriz e língua adicional, segundo a lógica da filosofia da diferença nas práticas relacionais de aprendizagem e de linguagem.

Indagamos sobre o modo que se dá o processo do aprender e dos encontros da LP por pessoas surdas e como isso é da ordem da singularidade. Acreditamos que o melhor caminho é trazer os sujeitos surdos para refletir sobre seus percursos, encontros, afetos e desafetos – esse é o movimento que será feito na continuidade prática deste estudo no mestrado. Aprofundando os conceitos de língua matriz e língua adicional, os quais serão construídos com base no conceito de matriz de experiência em Michel Foucault, e com base nas falas de aprendizes surdos.

## Referências

ALMEIDA, Djair Lazaro ; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Português como segunda língua: a escrita de surdos em aprendizagem coletiva**. TRABALHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA, v. 58, p. 899-917, 2019.

CABELLO, Janaina. Desenvolvimento de Objetos de Aprendizagem para alfabetização de crianças surdas: novas tecnologias e práticas pedagógicas. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Estadual de Campinas, 182 f., 2015.

CONCEIÇÃO, Bianca Salles; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. (2019). **Discursos de pais de crianças surdas: Educação Infantil e a presença da Libras**. Educação (UFMS), 44, e95/ 1-24.

CRYSTAL, David. **The Cambridge encyclopedia of language**. 2. ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

ELLIS, Rod. **Second language acquisition in context**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

FERREIRA, Hely César. **Estrutura argumental e ordem dos termos no Português L2 (escrito) de surdos**. 2016. 120 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERNANDES, Sueli. É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: em busca de uma aproximação. In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. v. 2, p.59-82.

FERNANDES, Sueli. Letramentos na educação bilíngüe para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, Giselle; ANGELIS, C. M. de, (org.) **Letramento: referenciais em saúde e educação**. São Paulo: Plexos, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LEFFA, Vilson; IRALA, Valesca. **O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas**. In: LEFFA, V.; IRALA, V. (Orgs.). Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014. p. 21-48.

LINS, Heloísa Andreia de Matos. **Cultura visual e pedagogia da imagem: recuos e avanços nas práticas escolares**. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 245-260, Mar. 2014. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982014000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982014000100010&lng=en&nrm=iso). Acesso em 22. Jul. 2020.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982014000100010>.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X64603>

- LODI, Ana Claudia Balieiro. **A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: Oficinas com surdos.** 2004. 282f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- LUZ, Renato Dente. **Cenas surdas parentais: em busca da aparição de surdos na contemporaneidade.** Tese de Doutorado. São Paulo: IP-USP, 2011.
- MACHADO, Leonardo Maia Bastos. **A formação do conceito de imagem do pensamento na filosofia de Gilles Deleuze.** Tese (Doutorado em filosofia). Programa de Pós-graduação em filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. (2014). **Letramento e surdez: de qual concepção de linguagem estamos falando?** In A. A. S Oliveira, R. B. Poker, F. I. W. de Oliveira, & Y. M. Martínez (Orgs.), *Prácticas pedagógicas en educación especial: hacia una escuela inclusiva* (pp. 209-226). Universidad de Alcalá.
- MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. **Práticas de leitura e escrita de adultos surdos em contexto dialógico: produções mediadas pela Libras.** REVISTA X, v. 12, p. 151-170, 2017.
- MESQUITA, Aline Camilla Romão. **Estruturas dativas do Português (L2) na interlíngua de surdos.** 2019. 273 f., il. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.
- MORGENSTERN, Juliane Marshall; WITCHES, Pedro Henrique. **Práticas de si na produção de subjetividades surdas brasileiras.** IN: ANPED. Apresentação em comunicação oral. Pesquisa financiada pela Capes. Florianópolis, 2015.
- NOGUEIRA, Aryane Santos. **Interface do português com a língua de sinais em publicações de um professor surdo em rede social.** LINGUAGEM EM (DIS)CURSO (ONLINE), v. 18, p. 673-694, 2018.
- OLIVEIRA, Uriane Almeida. **A realização morfossintática do verbo ir de movimento no português escrito como segunda língua por surdos.** 2018. xv, 108 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018
- PAGNI, Pedro Angelo; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. Corpo e expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do ethos surdo. **REVISTA EDUCAÇÃO ESPECIAL**, v. 32, p. 88, 2019.
- PAIVA, Gláucia Xavier dos Santos. **Português para surdos: uma via de mão dupla.** 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **Leitura, escrita e surdez.** 2ª edição. São Paulo, Secretaria da Educação, CENP/CAPES/FDE, 2009.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X64603>

RODRIGUERO, Celma Regina Borghi; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **O papel da família e da escola no desenvolvimento da linguagem da criança surda.** In: RODRIGUERO, Celma Regina Borghi; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. Família e o filho surdo: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-cultural. 1 ed. Curitiba: CRV, 2013. p. 49 – 58.

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism.** 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação do surdo no Brasil.** Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

SOUZA, Renata Antunes de. **Ensino de português L2 a surdos: proposta de roteiro gramatical e sua aplicabilidade.** 2018. 220 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

VIANA, Manuela Maria Cyrino. **Libras e Português como L2: a escrita dos surdos nas redes sociais.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, 2017.

## Notas

<sup>1</sup> Há a defesa de aprendizagem de duas línguas: a língua de sinais como primeira língua a ser adquirida pela pessoa surda, cronologicamente, portanto em ser a língua primeira. A língua de sinais deve ser aprendida o mais cedo possível; e a língua portuguesa como segunda língua, aprendida em contexto sistemático de ensino, na modalidade escrita, devendo ser ensinada na escola para acesso ao universo letrado em que se faz uso da LP.

<sup>2</sup> Pagni e Martins (2019) apontam a ontologia surda como marca de uma subjetividade específica. Entende-se como o modo de ser constituinte de uma forma de vida que se cruza com processos de subjetivação, demarcando uma condição da espécie humana, isto é, todos terão suas vidas atravessadas por acontecimentos e deverão conviver com seus efeitos, que os tornam constitutivos do ethos.

<sup>3</sup> O natural se refere ao modo mais espontâneo e não artificial da apropriação, tal qual descrito pela linguística na relação do sujeito em desenvolvimento em uma língua natural humana. Não quer dizer que é uma língua de fácil dedução e que não depende da relação com o outro para a internalização de conceitos linguísticos.

<sup>4</sup> A língua matriz é aqui referenciada como aquela que estrutura o sujeito e o constitui para, a partir dela as enunciações discursivas serem suportadas. Usaremos o conceito de matriz de experiência em Michel Foucault (2010) para construir esse conhecimento nos estudos surdos. No tópico a seguir faremos essas considerações conceituais.

<sup>5</sup> O conceito de signo será usado nos estudos deleuzianos em que o aprender ocorre inevitavelmente no encontro entre corpos e signos mundanos (pela escrita, interação imagética, verbal etc.).

<sup>6</sup> O uso da língua adicional aqui será para os estudos e encontro surdo com a modalidade escrita da LP.

<sup>7</sup> Deleuze fala em aprender e não em aprendizado porque não o considera um objeto estático, mas como uma ação. O verbo coloca o processo em constante movimentação, ou seja, o aprender não pode ser visto como algo estático e acabado em si mesmo, já que pela própria natureza de ação está sempre aberto em novidades para o pensamento.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)